

Espiritualidade e cidadania pentecostal clássica: Caso das comunidades gonçalenses

Classical Pentecostal Spirituality and citizenship: the case of communities of São Gonçalo

*Sergio Paulo Gil de Alcantara**

Mestrando em Ciências das Religiões (PPG/FUV)
Bacharelado em sociologia (ICHF/UFF)
prsergiogil@hotmail.com

Resumo

Este estudo inicia uma análise, sob um olhar sociológico, do sentido da espiritualidade e suas influências na cidadania, nos dias de hoje, praticado por comunidades eclesiais de cunho pentecostal clássico, localizadas na cidade São Gonçalo, região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Dentre os autores pesquisados, destacam-se: *Alberto Antoniazzi (1994), Cecília Mariz (1994), Danièle Hervieu-Lèger (2008), Francisco Rolim (1987), Georg Simmel (2010), José Bittencourt Filho (2003), Maria Machado (1996), Ricardo Mariano (2012)*. A metodologia utilizada neste trabalho é a pesquisa bibliográfica. O pentecostalismo brasileiro clássico, como fenômeno evangélico de características religiosas prosélicas, movimenta-se ascendentemente seguindo orientações das mudanças sociais. Este ato expansivo incentiva a inclusão social e a elevação da autoestima, culminando numa postura de cidadania. O pentecostalismo reproduz os valores vigentes na sociedade em que está inserido, ao mesmo tempo em que rejeita, de forma simbólica, essa mesma sociedade, enquanto molda aos seus adeptos.

Palavras-chave

Espiritualidade. Cidadania. Moralidade. Conversão. Identidade.

Abstract

This study initiates a review under a sociological gaze, the sense of spirituality and its influences on citizenship, these days, practiced by classical pentecostal oriented ecclesial communities, located in São Gonçalo city, metropolitan region of the State of Rio de Janeiro. Among the authors surveyed include: *Alberto Antoniazzi (1994), Cecilia Mariz (1994), Danièle Hervieu-Lèger (2008), Francisco Rolim (1987), Georg Simmel (2010), Jose Bittencourt Filho (2003), Maria Machado (1996), Ricardo Mariano (2012)*. The methodology used in this work is the bibliographical research. The Brazilian Pentecostalism classic, as Evangelical phenomenon of proselytes religious characteristics, moves upwardly following guidelines for social change. This expansive Act encourages social inclusion and the elevation of

* Sergio Paulo Gil de Alcantara é pesquisador, mestre em ciências das religiões (em andamento) pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unidade de Vitória (PPG/FUV), especialista em ensino religioso e teologia contemporânea pela Escola Superior Aberta (ESAB), bacharel em teologia pela Escola Superior de Teologia (EST) e bacharelado em sociologia pelo Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense (ICHF/UFF).

self-esteem, culminating in a posture of citizenship. Pentecostalism reproduces the existing values in the society in which it is inserted, while rejects, so symbolic, this same society, while framing its supporters.

Keywords

Spirituality. Citizenship. Morality. Identity. Mystique. Society.

Considerações Iniciais

O termo “pentecostal clássico”¹ é admitido para referência histórica das implantações de igrejas que seriam oriundas da chamada “primeira onda”² pentecostal, na década de 1910. Este estudo é voltado para a Assembleia de Deus, por pertencer a este pioneirismo denominacional pentecostal no Brasil, juntamente com a Congregação Cristã³ - que apesar de sua expansão inicial permaneceu com o crescimento mais acanhado,⁴ por isso, não será contemplada. Por outro lado, a Assembleia de Deus vive um grande crescimento agregando doutrinas que não admitiriam influência sincrética e intercursos simbólicos, mantendo um padrão tradicional⁵ desde a sua fundação, como por exemplo, a centralidade no Espírito Santo.⁶ Esta denominação protestante experimentaria um crescimento acentuado na década de 1950, devido ao êxodo rural ocorrido no Brasil e o crescimento industrial nas cidades, acompanhando transformações culturais.⁷ O que promoveria uma inovação de pensamento religioso, proporcionando mais liberdade a partir da década de 1980.⁸

Na cidade de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro, a população dos que se dizem evangélicos protestantes monta o percentual de 32,5% (IBGE, 2012). Dentre estes dados, a informação relevante é que a grande maioria é de cunho pentecostal: 27%.⁹ Levando-se em conta que o pentecostalismo seria denominado como a “religião dos pobres”, observa-se que muitos adeptos são pertencentes a camadas intermediárias, da população.¹⁰ Segundo Frédéric Vandenberghe, que escreve no prefácio do livro “Religião. Ensaios” do sociólogo Georg Simmel “o anseio da religiosidade pela unidade e por

1 BITTENCOURT, José Filho. *Matriz Religiosa brasileira*. Religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro; Koinonia, 2003. p. 117.

2 FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. (Org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 70.

3 BITTENCOURT, 2003, p. 117.

4 FRESTON, 1994, p. 70.

5 BITTENCOURT, 2003, p. 117.

6 ROLIN, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil. Uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 07.

7 BITTENCOURT, 2003, p. 116.

8 FRESTON, 1994, p. 71.

9 IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1>. Acesso em: 30 jun. 2012.

10 BITTENCOURT, 2003, p. 117.

superar a fragmentação da realidade é o que permanece de religião numa era secular e pós-cristã que perdeu a crença em Deus, mas não o anelo por ele”¹¹

Uma cidade em pleno desenvolvimento econômico, social e político, tal qual São Gonçalo/RJ, passa agregar polos petroquímicos e refinarias, advindos da exploração de petróleo, da camada de pré-sal localizada no estado do Rio de Janeiro.¹² Por esta razão a cidade passaria a ser influenciada, e também influenciadora, de vários grupos de indivíduos advindos de outras regiões. José Bittencourt diz que o pentecostalismo passaria a se adaptar mediante a um quadro de desenvolvimento urbano, integrando “seus adeptos aos percalços da transição da sociedade “tradicional” para a moderna”.¹³ Uma hipótese para a análise de mesma ocorrência, ou não, conquanto às comunidades pentecostais clássicas gonçalenses.

Torna-se importante perceber as leituras que as comunidades pentecostais clássicas fazem de si mesmas, no tocante às suas práticas espirituais e a relação com a cidadania, mediante as recentes transformações, e mudanças sociais.¹⁴ Neste item, as buscas por condutas morais familiares, e as conversões dos adeptos, reorientado seus ideários e transformando suas percepções identitárias.¹⁵

Espiritualidade e comportamento social nas comunidades pentecostais clássicas

Sob a leitura que a comunidade pentecostal clássica faz de si mesma, a compreensão de que o indivíduo esteja partilhando de algo espiritual em comum, convertido e apto, portanto, a seguir sua jornada em santificação é evidenciada pelo batismo no Espírito Santo.¹⁶ Para Rolim, “o centro do pentecostalismo é o batismo do Espírito Santo, que não é um rito como o batismo com água, e sim, uma presença especial do Espírito Santo”,¹⁷ identificado por ato comunicativo “que tem como sinal exterior proferir algumas palavras estranhas”.¹⁸ Na visão comunitária, por ocasião do batismo do Espírito Santo, um passo importante é dado no sentido de integração e de pertencimento. Isto significa a adesão e participação do indivíduo na comunidade pentecostal, o que

¹¹ VANDERBERGUE, Frédéric. *Misticismo sem Deus*. In: SIMMEL, Georg. *Religião. Ensaios* – Volume 1. São Paulo: Olho d’Água, 2010. p. XII.

¹² Prefeitura da Cidade de São Gonçalo. Disponível em: <<http://www.saogoncalo.rj.gov.br/noticiaCompleta.php?cod=4003&tipoNoticia=Prefeito>> Acesso em: 30 jun. 2013.

¹³ BITTENCOURT, José Filho. *Matriz Religiosa brasileira. Religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro; Koinonia, 2003, p. 116.

¹⁴ BITTENCOURT, 2003, p. 118.

¹⁵ MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Atores Associados; ANPOCS, 1996, p. 83.

¹⁶ ROLIN, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil. Uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 7.

¹⁷ ROLIN, 1987, p. 7.

¹⁸ ROLIN, 1987, p. 7.

também funciona como parte integrante na busca pela salvação, que pode ser entendida como o alvo ou a contemplação satisfatória para as necessidades da alma.¹⁹

“Por salvação”,²⁰ Simmel diz “que entendemos a satisfação de todo desejo supremo da alma, e não só em termos morais, mas também no sentido de seu anseio por bem-aventurança, realização, grandeza e força”.²¹ Por sua vez, a santificação, seria atingir a situação mais pura moral, sobmaneira em ações, e não somente em ideal. O que atrai a alma a romper com suas debilidades, em prol a liberdade.²² No entanto, para Rolim, a santificação possuiria caráter complementar, mas não deixaria de possuir um tom imprescindível para o avanço espiritual, dentro da leitura comunitária de si mesma.²³

Divergentemente da matriz empregada pelas comunidades de cunho calvinista, que apregoa a graça eficaz de forma irresistível, por uma expiação limitada e uma eleição incondicional, doutrinas idealizadas por João Calvino,²⁴ que menciona que Deus escolhe os que haverão de obter a salvação, o pentecostalismo, segundo Mendonça,²⁵ soergueria sobre outra matriz:

o metodismo. Porque, embora ele afirme a proposta da Reforma de justificação pela fé, preconiza também a progressiva santificação com a salvação, [...], nesta proposta a santificação é a condição de permanência no processo de salvação. Ou seja, para o Calvinista, o eleito jamais se perderá, nem que ele queira. Enquanto na proposta metodista, a pessoa pode perder a sua salvação. Se ela se descuidar, escorregar, se perde. Há um policiamento ético mais permanente.²⁶

Deste modo, de acordo com Maria Machado,²⁷ enquanto o pensamento religioso calvinista garantiria salvação, observando a graça e a misericórdia divina, no pentecostalismo, o pensamento religioso pentecostal daria lugar à busca de condutas morais e éticas, estipuladas como santificadas, tornando a dependência comportamental de cada um, a fim de atingir o alvo de salvação. De modo que, a conversão no pentecostalismo clássico seria acompanhada por atos que envolvem diferenças de comportamento em sociedade “cabendo aos convertidos fazerem de suas vidas um testemunho permanente de santificação”.²⁸

¹⁹ ROLIN, 1987, p. 8.

²⁰ SIMMEL, Georg. *Religião. Ensaios*. Vol. 1 e 2. São Paulo: Olho d'Água, 2010, p. 1.

²¹ SIMMEL, 2010, p. 1-2.

²² SIMMEL, 2010, p. 1.

²³ ROLIN, 1987, p.14.

²⁴ João Calvino, autor de *Christianae Religionis Institutio*, “As Institutas” em 1536.

²⁵ MENDONÇA, A. G. & VELASQUES FILHO, P. *Introdução ao Pentecostalismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

²⁶ MENDONÇA, 2002, p. 75.

²⁷ MACHADO, 1996.

²⁸ MACHADO, 1996, p. 85.

A espiritualidade pentecostal retomaria o entendimento sobre as narrativas bíblicas que se encontram no livro de Atos, no novo testamento, o qual supõe tratar de uma particularidade libertadora e incentivadora de coragem e impetuosidade, em modo de viver.²⁹ Nesta narrativa bíblica, a visão das comunidades pentecostais admitiria realizações de promessas do próprio Cristo, crido como o próprio centro do cristianismo, em relação à outra narrativa descrita no livro bíblico profético de Joel, no Antigo Testamento. Para Rolim, trata-se de “memória de um passado religioso, social e político de um povo a uma nova história que começa em Pentecostes”.³⁰ Nesta visão, a narrativa de Pentecostes ofereceria cumprimento de promessas, as quais envolveriam libertação e regozijo. Faria unido em face da própria história de vida do adepto, ou seja, o que aconteceu no passado, envolvendo um povo, também poderia acontecer nos dias de hoje, envolvendo todo aquele que passa pela experiência comunitária do batismo do Espírito Santo, o que o tornaria pertencente à mesma comunidade.³¹

Espiritualidade, cidadania e moralidade familiar

Por conta da atuação em meio a uma população de grande maioria, de outra religião, os pentecostais, desde o momento da conversão, seriam marcados pela moralidade familiar, como base de comportamento de seus adeptos.³²

[...] Os grupos minoritários que lutam contra a hostilidade das populações locais tendem com frequência a uma vigilância severa sobre seus membros, submetendo-os a uma disciplina rigorosa para justificar a tolerância que lhes é concedida.³³

A valorização e reconhecimento que os grupos menores conquistam, baseiam-se na forma de vida rigorosa e exemplar. Além da preocupação com a vigilância disciplinar de comportamento, outro anseio é levado em conta. O novo convertido aprende a aspirar pelo milênio, que “é um mundo novo que vai durar mil anos [...]”.³⁴

Um dos entrevistados de Francisco Rolim, diz que neste mundo novo “[...] num vai mais ter sofrimento, nem doenças, nem pestes, nem guerra”.³⁵ Esta aspiração pelo mundo novo traria uma ideia de não preocupação com a sociedade temporal, isto é, a não importância das causas sociais, consideradas temporais, em detrimento ao cuidado mais espiritual e pastoral, no que concerne aos problemas mais íntimos, encontrados no mundo conhecido, e não no que ainda haveria de vir. Tendo uma promessa e certeza de uma vida

²⁹ ROLIN, 1987, p. 13.

³⁰ ROLIN, 1987, p. 16.

³¹ ROLIN, 1987, p. 17.

³² MACHADO, 1996, p. 80.

³³ MACHADO, 1996, p. 80.

³⁴ ROLIN, 1987, p. 14.

³⁵ ROLIN, 1987, p. 14.

melhor individual, então, não haveria importância, outras preocupações, mais coletivas, que são conseqüentemente, deixadas de lado.³⁶

Para Antoniazzi,³⁷ o pentecostalismo pareceria mais atraente àquele que precisa satisfazer as necessidades pessoais, espirituais e familiares. O milênio chegaria, e então, estas causas sociais, no aspecto coletivo, e do mundo ao nosso redor, seriam sem proveito, pois tudo seria resolvido com a contemplação do evento futuro. A espera pela segunda vinda de Cristo remeteria à esperança, e à utopia do milênio, apregoado como um período reinante de justiça e paz.³⁸

O pentecostalismo no Brasil seria beneficiado, em sua implantação e crescimento, devido ao já estabelecimento do protestantismo histórico de missão, representado pelas igrejas, congregacionais, presbiterianas, batistas e metodistas. Estas igrejas já praticavam o proselitismo e, por isso, já detinham boas frequências em seus cultos.³⁹ Desta feita, enquanto as igrejas históricas firmavam seus trabalhos com as classes média e alta, o pentecostalismo foi se afirmando nas classes menos providas e de recursos mais limitados. “Assim o pentecostalismo, ao pisar em terras brasileiras, já encontrou um terreno preparado pelo protestantismo proselitista [...]. A Bíblia já não era uma novidade. E as Igrejas protestantes tinham uma razoável frequência nos cultos”.⁴⁰

Cecília Mariz⁴¹ argumenta em sua pesquisa que a conversão masculina se daria, na maioria das vezes, através da busca por uma solução aos males da bebida, provocada pelo alcoolismo, corroborando com a pesquisa realizada por Rolim, quando um de seus entrevistados admitia: “Eu bebia muito”.⁴² Mariz evidencia que a conversão da mulher viria primeira, na maioria das vezes, por isso tentaria converter o esposo.⁴³ Outra constatação da autora é que “após a conversão e o abandono ao álcool nenhum desses deixou de ser pobre, mas todos experimentaram de um certo progresso material imediatamente após parar de beber”.⁴⁴ Uma dinâmica que enveredaria uma posição mais confessional, pois se acreditaria com experiência de vida, naquilo em que confessa. O que mobilizaria uma constante perseverança, permanência e busca das bênçãos divinas, em detrimento aos males deste mundo.⁴⁵

³⁶ ROLIN, 1987, p. 14.

³⁷ ANTONIAZZI, A. (Org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 21.

³⁸ ROLIN, 1987, p. 14.

³⁹ ROLIN, 1987, p. 23.

⁴⁰ ROLIN, 1987, p. 24.

⁴¹ MARIZ, Cecília L. “Alcoolismo, gênero e pentecostalismo”. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: ISER, v. 16, n. 3, p. 80-93, maio 1994.

⁴² ROLIN, 1987, p. 12.

⁴³ MARIZ, 1994.

⁴⁴ MARIZ, 1994, p. 87.

⁴⁵ HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido*. Petrópolis: Vozes, 2008.

Conversão e cidadania nas comunidades pentecostais clássicas.

A conversão ao pentecostalismo, no Brasil, possuiria uma particularidade, a qual não poderia deixar de ser destacada. No acolhimento fraternal em meio às comunidades pentecostais clássicas, percebe-se “que 80% dos que entraram para o pentecostalismo tinham sido católicos”.⁴⁶ “Exagerando um pouco, pode-se chegar a dizer que o pentecostalismo recruta católicos que já estavam “fora” da igreja (instituição)”.⁴⁷ Esta prática proselitista ocorreria enquanto os antigos praticantes do catolicismo, não mantinham presença às missas, tão somente, rezavam a seus santos, em parte, devido a uma excessiva preocupação católica com as práticas sociais e políticas, apartando-se de uma ligação com fiéis, em detrimento a uma atuação mais pastoral e espiritual, mais cuidadosa.⁴⁸ A adesão ao pentecostalismo seria marcada pelo poder ágil quanto às questões de ordem de necessidades pessoais, como a falta de saúde, a desorientação espiritual, e desavenças familiares, deixadas de lado pela Igreja Católica.⁴⁹

As pessoas, que outrora eram católicas, quando se convertem ao pentecostalismo, variando suas crenças, construiriam um processo de transformação, através da nova religião.⁵⁰ O ato de conversão ao pentecostalismo produziria uma ruptura com a culturalidade brasileira hegemônica, o qual passaria a ter um exponencial de conduta confessional, onde seria preciso participar para ser, em oposição às outras religiões, quando não seria preciso ser para participar.⁵¹ A participação e atuação na comunidade, também teria o benefício de proteção frente às forças de espíritos malignos que regem o mundo⁵².

Para a socióloga francesa Daniele Hervieu-Léger,⁵³ a participação e atuação religiosa em uma comunidade teria um caráter confessional, a qual o adepto empregaria a verdade de vida naquilo que confessa. Do contrário, o “peregrino” seria marcado pela sua atitude flutuante e desregulação de práticas e vivências movidas por uma individualização religiosa espelhando o individualismo moderno.⁵⁴ Transpor-se-iam de uma religião para outra, e ainda, de uma comunidade para outra, com a intenção de satisfação de seus próprios interesses individuais, e necessidades de caráter momentâneo, ou não⁵⁵. Estes, não seriam confessionais, e não disporiam de suas vidas em prol ao que

⁴⁶ ROLIN, 1987, p. 26

⁴⁷ ANTONIAZZI, A. (Org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 20.

⁴⁸ ANTONIAZZI, 1994, p. 20.

⁴⁹ ANTONIAZZI, 1994, p. 21.

⁵⁰ ANTONIAZZI, 1994, p. 21.

⁵¹ SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à “cultura católico-brasileira”. In: ANTONIAZZI, A. (Org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 47.

⁵² MACHADO, 1996, p. 83.

⁵³ HERVIEU-LÈGER, 2008.

⁵⁴ HERVIEU-LÈGER, 2008, p. 87.

⁵⁵ HERVIEU-LÈGER, 2008, p. 89.

confessam. Seriam apenas peregrinos em busca de satisfações de suas próprias necessidades espirituais, pois não estariam preocupados com o coletivo, portanto seriam alusivos aos tempos modernos, racionais e individualizados.⁵⁶

A autora identifica o convertido de três formas: Aquele que mudaria de uma religião para outra, prosélito; aquele que não teria religião alguma, mas decidiria aderir a alguma; e aquele que já haveria praticado a mesma religião, anteriormente, mas por algum motivo a teria deixado, mas agora volta.⁵⁷ Para evidenciar uma destas posições de conversão, identificada por Hervieu-Léger, traz-se a luz, o sociólogo Rolim, que destaca em entrevista concedida por um convertido ao pentecostalismo, advindo de outra matriz religiosa:

Ninguém entende a nossa religião se não entra para a nossa Igreja. Para isso é preciso aceitar Jesus. Antes eu era católico. [...] Quando uma vez ou outra ia nas missas de domingo, as pessoas não me conheciam. [...] Na religião, o que eu era mesmo era devoto dos santos. Era mais para rezar pros santos que de missa. Me tornei pentecostal escutando um crente pregar no vizinho. [...] Eu bebia muito na época. Por isso lá em casa tinha sempre briga por causa que eu bebia. [...] Um dia vi uns crentes cantar na casa do vizinho. Fui lá só por curiosidade, vi um crente, pedreiro como eu, falando e dizendo que Jesus muda a vida das pessoas. Quando acabou, ele disse: “Quem quiser aceitar Jesus levante o braço”. Um das pessoas levantaram o braço e eu levantei o meu.⁵⁸

De acordo com esta entrevista, o convertido precisaria participar para entender, e por conta disto, seria possibilitada uma identificação de um convertido que tinha a mesma profissão e participava da mesma classe social, prometendo uma mudança de vida.⁵⁹ A procura do converso, não seria por uma mudança de vida financeira ou por melhores condições econômicas, mas por uma vida sem conflitos e sem vícios.⁶⁰ Talvez um cuidado não recebido na Igreja Católica. Um cuidado mais pastoral com relação aos problemas cotidianos, recebido no meio pentecostal.⁶¹

Espiritualidade e identidade nas comunidades pentecostais clássicas

De acordo com Luis Campos Jr,⁶² sobre a perspectiva definitiva de orientação pentecostal, buscar-se-ia restringir contatos realizados antes da conversão, que lembrariam uma vida não apropriada. Também as práticas consideradas pecaminosas, tais como, “o

⁵⁶ HERVIEU-LÈGER, 2008, p. 87.

⁵⁷ HERVIEU-LÈGER, 2008, p. 110-111.

⁵⁸ ROLIM, 1987, p. 12.

⁵⁹ ROLIM, 1987, p. 13.

⁶⁰ ROLIM, 1987, p. 13-14.

⁶¹ ANTONIAZZI, 1994, p. 20-21.

⁶² CAMPOS Jr., Luis de Castro. *Pentecostalismo e transformações na sociedade: a igreja avivamento bíblico*. São Paulo: Annablume, 2009.

fumo, a bebida alcoólica e a prostituição”.⁶³ Por este motivo haveria uma preocupação da continuidade na igreja, na participação e permanência nos cultos e atividades eclesiais, no intuito de promoção de intimidade com o divino. Esta continuidade incentivaria e possibilitaria resoluções de problemas cotidianos. “Assim o cotidiano é inserido em um contexto voltado para o divino”.⁶⁴

Devido à evangelização pentecostal se encontrar em um país de maioria católica romana, alguns valores sociais, mas especificamente, os da família, seriam adaptados com o intento proselitista.⁶⁵ A referência quanto à verdadeira família, a qual seria a família encontrada em comunidade de fé, recém-adotada. Quando os conflitos viessem, a família de fé teria a sua situação privilegiada, em relação à família de laços sanguíneos.⁶⁶ Assumindo esta posição, o novo convertido, ou nova convertida, deveria enfrentar a incompreensão de familiares sanguíneos, adeptos de outras matrizes religiosas. E, quando não casados (as) deveriam procurar o casamento realizado em meio à comunidade.⁶⁷ Os jovens deveriam privilegiar os participantes de comunidades, rapazes e moças, que partilham a mesma fé.⁶⁸

O pentecostalismo em sua condição de minoria, entre a população brasileira, tornar-se-ia incentivador de manutenção das relações entre seus adeptos, conectando os preceitos de salvação com o comportamento, e modo de vida singular e diferenciada do restante da sociedade, tais como, a prática de esportes como o futebol, o qual simboliza a paixão pelo mundo, ou pelos prazeres mundanos.⁶⁹ “O mundo aqui é sempre entendido como um espaço onde o pecado e a falta de Deus estão presentes”.⁷⁰ De igual modo, a forma de se vestir, não poderia de maneira alguma, lembrar como a maioria se veste, mas um recato e formalidade seriam precisos para manter a diferenciação.⁷¹ O combate aos vícios e a rejeição às festas populares, como o carnaval e juninas homenageando a “santos”, também é destacado quanto à mudança de comportamento proposto pelo pentecostalismo.⁷²

A conversão ao pentecostalismo definiria uma forma exclusiva, assumindo uma identidade reorientada, antes orientada por uma antiga matriz religiosa, para uma reorientação centralizada no Espírito Santo.⁷³ A conversão conduziria a um processo de novas estruturas de cognição, onde o convertido construiria uma nova percepção de vida,

⁶³ CAMPOS Jr., 2009, p. 136.

⁶⁴ CAMPOS Jr., 2009, p. 136.

⁶⁵ MACHADO, 1996, p. 80.

⁶⁶ MACHADO, 1996, p. 87.

⁶⁷ MACHADO, 1996, p. 80.

⁶⁸ MACHADO, 1996, p. 80.

⁶⁹ CAMPOS Jr., 2009, p. 136.

⁷⁰ CAMPOS Jr., 2009, p. 137.

⁷¹ MACHADO, 1996, p. 87.

⁷² MACHADO, 1996, p. 86.

⁷³ SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à “cultura católico-brasileira”. In: ANTONIAZZI, A. (Org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 47.

mantido por argumentos e funções que promovem interação, através de suas experiências de cunho inexplicável.⁷⁴ Distanciando do sentido cultural religioso brasileiro o pentecostalismo definiria uma atitude centrípeta, sendo estabelecido um corte que “não é mais “isto” e “aquilo” ao mesmo tempo”.⁷⁵

Para Ricardo Mariano,⁷⁶ a distância que seria mantida pelos adeptos do pentecostalismo se faria para que não houvesse contaminação e corrupção de conduta, pelas paixões e interesses do mundo. “[...] Desde a conversão, normas e tabus comportamentais, valores morais, usos e costumes de santificação”,⁷⁷ seriam ensinados a fim de manterem um padrão ascético de rejeição ao mundo.⁷⁸ No entanto, estes fatores identificados como hábitos ascéticos e estigmatizados e de fácil reconhecimento, permitido pelo estereótipo, sofreriam algumas mudanças. Até mesmo as questões doutrinárias como a “velha escatologia pentecostal”,⁷⁹ e outras marcas distintivas e muito tradicionais teriam sido abolidas em nome de uma acomodação à sociedade. Sendo, em algumas vezes, relaxados alguns costumes e atitudes afim de maior relacionamento com a sociedade contemporânea.⁸⁰

A diminuição da rejeição ao mundo teria facilitado a inclusão, em detrimento ao ascetismo ou exclusão do mundo.⁸¹ Essas acomodações se dariam em

processo de institucionalização da religião, ou rotinização do carisma, tão bem descrito por Weber (1991) e Bourdieu (1974), está ocorrendo, em grande parte, na Assembleia de Deus, a maior igreja pentecostal do país, que sozinha detém 20% dos evangélicos brasileiros, e de modo muito menos perceptível na Congregação Cristã, que permanece sectária, exclusivista [...].⁸²

Destaca Mariano, que a igreja Assembleia de Deus poderia ser classificada como igreja de mediação que “opõe religião erudita/dominante (protestantismo histórico) a religião popular/dominados (pequenas seitas e movimentos de cura divina). A meio caminho dos polos erudito e popular [...]”.⁸³ Por isso, os adeptos das comunidades pentecostais clássicas, nos dias de hoje, seriam influenciados por uma rotina de hábitos

⁷⁴ MACHADO, 1996, p. 83.

⁷⁵ ANTONIAZZI, 1994, p. 47.

⁷⁶ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2012.

⁷⁷ MARIANO, 2012, p. 190.

⁷⁸ MARIANO, 2012, p. 190.

⁷⁹ MARIANO, 2012, p. 8.

⁸⁰ MARIANO, 2012, p. 8.

⁸¹ MARIANO, 2012, p. 24.

⁸² MARIANO, 2012, p. 24.

⁸³ MARIANO, 2012, p. 27.

mais inclusivos, e não sectarizados.⁸⁴ Segundo Maria Machado, a construção de uma identidade religiosa seria bem dinâmica, e sofre uma continuidade a partir do indivíduo, e também da instituição. No caso do indivíduo, o mesmo poderia exercer a opção de migração religiosa, adotando em sua vida, diferentes crenças e práticas religiosas.⁸⁵

O modo de ser, influenciado pela religião, marcaria a identidade pentecostal adquirindo um *ethos* militante transformando o sujeito, o diferenciado de outras religiões, como a católica, das africanas, e até mesmo do protestantismo histórico.⁸⁶ Para os adeptos ao pentecostalismo é identificada a busca permanente pela santificação, a fim de tornarem de suas vidas, um testemunho permanente sob a orientação pastoral mais atuante e formadora de opinião e atitudes, conduzindo o ritual de purificação dos fiéis.⁸⁷

Considerações Finais

O pentecostalismo brasileiro seria marcado pelo rigor do não sincretismo e pela rejeição a intercursos simbólicos⁸⁸ estabelecidos por sua tradição religiosa centrípeta.⁸⁹ No entanto, devido ao crescimento urbano presenciado no Brasil, e conseqüentemente as transformações sociais, o pentecostalismo seria despertado a adaptar ações com o intuito de integração de seus adeptos, nesta mesma transição social.⁹⁰

Ademais, sabe-se que o crescimento do pentecostalismo tem ocorrido *pari passu* com as mudanças sociais, sobremodo na transição do campo para a cidade verificada no cenário continental como fruto da modernização compulsória.⁹¹

À luz desta hipótese, estuda-se a possibilidade de mesma ação decorrer em comunidades de cunho pentecostal clássico, situadas na cidade de São Gonçalo/RJ, na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, admitindo-se o anseio pela religião com a intenção de fragmentação da realidade, por dias melhores. Esta expectativa não se dá somente em camadas mais pobres da população, mas também nas camadas consideradas intermediárias.⁹² A relação entre a espiritualidade pentecostal clássica e a cidadania incide sobre as expectativas mais tradicionais para as mais modernas envolvendo as mudanças sociais.

⁸⁴ MARIANO, 2012, p. 27.

⁸⁵ MACHADO, 1996, p. 83.

⁸⁶ MACHADO, 1996, p. 83-84.

⁸⁷ MACHADO, 1996, p. 84.

⁸⁸ BITTENCOURT, 2003, p. 116-117.

⁸⁹ ROLIN, 1987, p. 7.

⁹⁰ BITTENCOURT, 2003, p. 116.

⁹¹ BITTENCOURT, 2003, p. 118.

⁹² BITTENCOURT, 2003, p. 117.

Através do evento denominado “batismo de Espírito Santo”, o indivíduo seria reconhecido pelas comunidades como pertencentes, portanto seria participante de mesma crença, tendo como evidência, o falar em línguas estranhas, base para este sentimento de pertença.⁹³ O adepto passa a construir um pensamento religioso que o faria deixar de lado as realidades deste mundo para almejar uma vida plena no mundo porvir, causando assim, o desinteresse pelas causas sociais, ao seu redor.⁹⁴ No entanto, a conversão deste mesmo adepto promove uma consciência moral e familiar, reorganizando socialmente a sua parentela, e ainda adicionando a familiaridade a aqueles participantes de mesma comunidade de fé.⁹⁵ Além de obter respostas quanto às necessidades de cuidado pessoal e de ordem organizacional mais íntima, como por exemplo, a opção de reação contra o vício alcoólico, produzindo autoestima e dignidade.⁹⁶

O adepto ao pentecostalismo clássico assume uma identidade reorientada, baseada na nova matriz religiosa, agora com exclusividade, procurando se afastar da orientação anterior, quando pertencia a outra religião,⁹⁷ sendo conduzido por um processo de nova cognição alicerçada nas experiências centralizadas no Espírito Santo.⁹⁸

Este estudo é inicial, levando-se em conta a análise, sob um olhar sociológico, da espiritualidade pentecostal clássica e cidadania envolve muitos outros aspectos, os quais no futuro se espera ter condições para exposição. Este trabalho inicial tem os seus alvos atingidos, os quais tratam das primeiras análises sobre a espiritualidade, cidadania, moralidade e conversão do adepto ao pentecostalismo clássico e sua relação com a cidadania, tornadas como hipótese sobre a realidade vivida em comunidades pentecostais clássicas gonçalenses.

[Recebido em: setembro de 2013;

Aceito em: novembro de 2013]

⁹³ ROLIN, 1987, p. 7-8.

⁹⁴ ANTONIAZZI, 1994, p. 21.

⁹⁵ MACHADO, 1996, p. 80.

⁹⁶ MARIZ, 1994.

⁹⁷ SANCHIS, 1994, p. 47.

⁹⁸ MACHADO, 1996, p. 83.